



SUICIDA ...

Tinha pressa. Desejava tranquilizar os pais, refazer a existência. Mas, em meio das sensações turbilhonárias que lhe atormentavam a alma, sentiu que continuavam a lhe cortar a carne. Era demais. Viu-se separada do próprio corpo, como joia que salta mecanicamente do escrínio.

E conheceu a verdade, enfim. O corpo que ela própria arruinara apresentava máscara triste.

Mãos ágeis trabalhavam-lhe as vísceras, separando material de exame necrológico.

Entretanto, ela – Marina, ela mesma – cambaleava, de pé, com todas as dores e convulsões de momentos antes...



CANDIDATO IMPEDIDO

Quando o Mestre iniciou os serviços do Reino Celeste, em torno das águas do Genesaré, assinalando-se por indiscutíveis triunfos no socorro aos aflitos e comentando-se-lhe as disposições de receber companheiros e aprendizes, muita gente apareceu ávida de novidade, pretendendo o discipulado. Não seria agradável seguir aquele homem divino, que restaurava a saúde dos paráliticos e abria novos horizontes à fé? A palavra d'Ele, repesada de amor, falava de um reino porvindouro, onde os aflitos seriam consolados.



Fonte: Freepik

SIGNIFICADO DO SOFRIMENTO NA VIDA

Para melhor expressar-se, o amor irrompe de formas diferentes, convidando à reflexão em torno dos valores existenciais. Muito do significado que se caracteriza pelo poder — mecanismo dominante da realização do ego — desaparece, quando o amor não está presente, preenchendo o vazio existencial. Essa ânsia de acumular, de dominar, que atormenta enquanto compraz, torna-se uma projeção da insegurança íntima do ser que se mascara de força, escondendo a fragilidade pessoal, em mecanismos escapistas injustificáveis que mais postergam e dificultam a autorrealização.



Fonte: Freepik

OPOSIÇÕES

Imperioso modifique a própria conceituação, em torno do adversário, a fim de que se te apague da mente, em definitivo, o fogo da aversão. Isso porque o suposto ofensor pode ser alguém: que age sob a compulsão de grave processo obsessivo; que se encontra sob o guante da enfermidade e, por isso, inabilitado a comportar-se corretamente; que experimenta deploráveis enganos e se acomoda na insensatez; que não pode enxergar a vida no ângulo em que a observas.



Fonte: Pixabay

EDITORIAL

CONDUTA ESPÍRITA PERANTE A PÁTRIA

Ser útil e reconhecido à Nação que o afaga por filho, cumprindo rigorosamente os deveres que lhe tocam na vida de cidadão. Somos devedores insolventes do berço que nos acolhe.

No desdobramento das tarefas doutrinárias, e salvaguardando os patrimônios morais da Doutrina, somente recorrer aos tribunais humanos em casos prementes e especialíssimos. Prestigiando embora a justiça do mundo, não podemos esquecer a incorruptibilidade da Justiça Divina.

Situar sempre os privilégios individuais aquém das reivindicações coletivas, em todos os setores. Ergue-se a felicidade impercível de todos, do pedestal da renúncia de cada um.

Cooperar com os poderes constituídos e as organizações oficiais, empenhando-se desinteressadamente na melhoria das condições da máquina governamental, no âmbito dos próprios recursos. Um ato simples de ajuda pessoal fala mais alto que toda crítica.

Quando chamado a depor nos tribunais terrestres de julgamento, pautar-se em harmonia com os princípios evangélicos, compreendendo, porém, que os irmãos incursos em teor elevado de delinquência necessitam, muitas vezes, de justa segregação para tratamento moral, quanto os enfermos graves requisitam hospitalização para o devido tratamento. Diante das Leis Divinas, somos juizes de nós mesmos.

Nunca adiar o cumprimento de obrigações para com o Estado, referendando os elevados princípios que ele espousa, buscando a quitação com o serviço militar, mesmo quando chamado a integrar as forças ativas da guerra. Os percalços da vida surgem para cada Espírito segundo as exigências dos próprios débitos.

Expressar o patriotismo, acima de tudo, em serviço desinteressado e constante ao povo e ao solo em que nasceu. A Pátria é o ar e o pão, o templo e a escola, o lar e o seio de Mãe.

Substancializar a contribuição pessoal ao Estado, através da execução rigorosa das obrigações que lhe cabem na esfera comum. O genuíno amor à Pátria, longe de ser demagogia, é serviço proveitoso e incessante.

“Daí a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.” Jesus. (LUCAS, 20:25.)

VIEIRA, Waldo. **Conduta Espírita**/ Pelo espírito André Luiz; [psicografado por] Waldo Vieira. 32. ed. Brasília: FEB, 2015.

EFEMÉRIDES ESPÍRITAS - SETEMBRO



2 de setembro de 1914 – Desencarnação de Albert de Rochas

3 de setembro de 2007 – Desencarnação José Martins Peralva

5 de setembro – Dia Internacional da Caridade

9 de setembro de 1883 – Nascimento de Carlos Imbassahy

10 de setembro – Dia Mundial da Prevenção do Suicídio

10 de setembro de 1901 – Nascimento de Maria Dolores (Maria de Carvalho Leite)

12 de setembro de 1876 – Nascimento de Auta de Souza

13 de Setembro de 1967 – Desencarnação de Ali Halfeld

21 de setembro – Dia Mundial da Paz

22 de setembro de 1868 – Nascimento de Cairbar Schutel

25 de setembro de 1914 – Nascimento de Herculano Pires

29 de setembro de 1904 – Desencarnação de Madame P. G. Leymarie (Nasceu em 1837 – sem registro de data e mês)

30 de setembro de 1891 – Nascimento de Leopoldo Machado



www.umeparnaiba.org

Conheça mais casas espíritas na cidade de Parnaíba-PI:

A Caminho da Luz

Av. Nossa Senhora de Fátima, 1170. Bairro de Fátima

Caridade e Fé

Rua Samuel Santos, 284. Bairro S. Francisco.

Chico Xavier

Rua Borges Machado, nº 915. Bairro Pindorama

Bezerra de Menezes

Rua Prof. Einstein, 795. Bairro Centro.

Humberto de Campos

Rua Franklin Veras, 799. Bairro São Francisco

Luz da Esperança

Rua Anhanguera, 4170 - Bairro Piauí

Perseverança no Bem

Rua: Mons. Joaquim Lopes, nº 549.

Bairro: Centro (Lateral do Armazém Paraíba)

Semente Cristã

Rua Bolívia, Quadra 25, Casa 10 – Jardim América

Bairro Rodoviária

Vida e Progresso

Rua Vera Cruz, nº 647. Bairro – São José

ESPIRITINHAS



FORMAS DE CARIDADE



WILTON PONTES

EXPEDIENTE



Centro Espírita

Caridade e Fé

Rua Samuel Santos, 284. Bairro São Francisco.
Parnaíba - PI

Presidente:

Zilda Cunha de Aguiar

Editor responsável:

Samuel Cunha de Aguiar

Diagramação e layout:

Ivana Fernandes Fontenele

Revisão Ortográfica:

Antônio de Oliveira Cacau Júnior

Eline Falcão

Francisca Portela Cunha

Impressão:

Gráfica Sieart - Tiragem 1000

exemplares

Jornal Nova Era

Veículo de comunicação do Centro

Espírita Caridade e Fé

Quer colaborar conosco?

Entre em contato:

comunicacao@caridadefe.org.br

(86) 3322 4340

www.caridadefe.org.br

SIGNIFICADO DO SOFRIMENTO NA VIDA



Fonte: Freepik

Para melhor expressar-se, o amor irrompe de formas diferentes, convidando à reflexão em torno dos valores existenciais. Muito do significado que se caracteriza pelo poder — mecanismo dominante da realização do ego — desaparece, quando o amor não está presente, preenchendo o vazio existencial. Essa ânsia de acumular, de dominar, que atormenta enquanto compraz, torna-se uma projeção da insegurança íntima do ser que se mascara de força, escondendo a fragilidade pessoal, em mecanismos escapistas injustificáveis que mais postergam e dificultam a autorrealização.

A perda da tradição é como um puxar do tapete no qual se apoiam os pés de barro do indivíduo que se acreditava como o rei da criação e, subitamente se encontra destituído da força de dominação, ante o desaparecimento de alguns instintos básicos, que vêm sendo substituídos pela razão. O discernimento que conquista é portador de mais vigor do que a brutalidade dos automatismos instintivos, mas somente, a pouco e pouco, é que o inconsciente assimilará essa realidade, que partirá da consciência para os mais recônditos refulhos da psique.

Nesta transformação — a metamorfose que se opera do rastejar no primarismo para a ascensão do raciocínio — o sofrimento se manifesta, oferecendo um novo tipo de significado e de propósito para a vida.

Impossível de ser evitado, torna-se imperioso ser compreendido e aceito, porquanto o seu aguilhão produz efeitos correspondentes à forma porque se deva aceitá-lo.

Quando explode, a rebeldia torna-se uma sensação asselvajada, dilaceradora, que mortifica sem submeter, até o momento em que, racionalmente aceito, faz-se instrumento de purificação, estímulo para o progresso, recurso de transformação interior.

O desabrochar da flor, rompendo o claustro onde se ocultam o perfume, o pólen, a vida, é uma forma de despedaçamento, que ocorre, no entanto, no momento próprio para a harmonia, preservando a estrutura e o conteúdo, a fim de repetir a espécie.

O parto que propicia vida é também doloroso processo que faculta dilaceração.

O sofrimento, portanto, seja ele qual for, demonstra a transitoriedade de tudo e a respectiva fragilidade de todos os seres e de todas as coisas que os cercam, alterando as expressões existenciais, aprimorando-as e ampliando-lhes as resistências, os valores que se consolidam. Na sua primeira faceta demonstra que tudo passa, inclusive, a sua presença dominante, que cede lugar a outras expressões emocionais, nada perdurando indefinidamente. Na outra vertente, a aquisição da resistência somente é possível

mediante o choque, a experiência pela ação.

O ser psicológico sabe dessa realidade, O Seu identifica-a, porém o ego a escamoteia, fiel ao atavismo ancestral dos seus instintos básicos.

O sofrimento constitui, desse modo, desafio evolutivo que faz parte da vida, assim como a anomalia da ostra produzindo a pérola. Aceitá-lo com resignação dinâmica, através de análise lúcida, e bem direcioná-lo é proporcionar-se um sentido existencial estimulante, responsável por mais crescimento interior e maior valorização lógica de si mesmo, sem narcisismo nem utopias.

Todos os indivíduos, uma ou mais vezes, são convidados ao enfrentamento, sem enfermidades graves ou irreversíveis, com dramas familiares inabordáveis, com situações pessoais quase insuportáveis, defrontando o sofrimento.

A reação irracional contra a ocorrência piora-a, alucina ou entorpece os centros da razão, enquanto que a compreensão natural, a aceitação tranquila, propiciam a oportunidade de conseguir o valor supremo de oferecer-se para a conquista do sentimento mais profundo da existência.

A morte, a enfermidade, os desastres econômicos, os dramas morais, os insucessos afetuosos, a solidão e tantas outras ocorrências perturbadoras, porque inevitáveis, produzindo sofrimento, devem ser recebidas com disposição ativa de experienciá-las. Para alguns desses acontecimentos palavra alguma pode diluir-lhe os efeitos. Somente a interação moral, a confiança em Deus e em si mesmo para a convivência feliz com os seus resultados.

Esta disposição nasce da maturidade psicológica, do equilíbrio entre compreender, aceitar e vivenciar. Aqueles que não os suportam, entregando-se a lamentações e silícios íntimos, permanecem em estado de infância psicológica, sentindo a falta da mãe superprotetora que os aliviava de tudo, que tudo suportava em vãs tentativas de impedir-lhes a experiência de desenvolvimento evolutivo.

A aceitação, porém, do sofrimento como significado existencial e propósito de vida, não se torna uma cruz masoquista, mas se transforma em asas de libertação do cárcere material para a conquista da plenitude do ser.

FRANCO, Divaldo Pereira. **Amor, Imbatível Amor**/ Pelo espírito Joanna de Ângelis; [psicografado por] Divaldo Pereira Franco. Salvador: Leal, 2014.

SERVIÇO NOTARIAL E REGISTRAL

ALMENDRA

R. Duque de Caxias, 621 - Centro, Parnaíba - PI
86 3322-2481

Construindo e Realizando Sonhos

vivendaltda@hotmail.com

vivenda
construções ltda.

Av. Pres. Vargas, 94 - Centro
64200-200 - Parnaíba - Piauí
(86)3321-2141 / 3321-2586
CRECI - 020-PJ

Quixadá e Cardoso
Advogados
since 1973

Praça Coronel Osório, 832. Centro. Parnaíba-PI
advogados@quixadaecardoso.com.br
86 3322 1845



Tudo o que você pensa, diz ou sente é importante para nós

Ligue 188



a sua webrádio espírita online 24h

www.radioismael.net

CANDIDATO IMPEDIDO

Quando o Mestre iniciou os serviços do Reino Celeste, em torno das águas do Genesaré, assinando-se por indiscutíveis triunfos no socorro aos aflitos e comentando-se-lhe as disposições de receber companheiros e aprendizes, muita gente apareceu ávida de novidade, pretendendo o discipulado. Não seria agradável seguir aquele homem divino, que restaurava a saúde dos parálíticos e abria novos horizontes à fé? A palavra d'Ele, repesada de amor, falava de um reino porvindouro, onde os aflitos seriam consolados.

Suas mãos, como que tocadas de luz sublime, distribuíam paz e bem-aventurança, bom ânimo e alegria. Acompanhá-lo seria serviço tentador.

Em razão disso, muito grande era o número de mulheres e homens que o buscavam diariamente.

Acreditava-se em nova ordem política na província. Sobrariam talvez posições importantes e remunerações expressivas.

Mães esperanças procuravam confiar os filhos ao Messias Nazareno. Jovens e velhos entusiastas vinham, de longe, de modo a se colocarem na dependência d'Ele. Para quantos que se lhe apresentavam, voluntariamente, pronunciava uma frase amiga, mostrava um sorriso benévolo, fixava um gesto confortador.

Foi assim que, em radiosa manhã, quando o Senhor descansava na residência de Levi, por alguns minutos, apeou de uma liteira adornada certo cavalheiro a caracterizar-se pelo extremo apuro.

O recém-chegado tratou, célere, do objetivo que o trazia. Interpelou o Cristo, diretamente.

Quería o discipulado. Ouvira comentários ao novo reino e desejava candidatar-se a ele. Sobretudo – esclareceu, fluente –, honrar-se-ia acompanhando o Mestre, ao longo de todas as suas pregações e ensinamentos.

O Profeta contemplou-lhe a indumentária brilhante e perguntou:

– Em verdade, aceitas os testemunhos do apostolado?

– Perfeitamente – replicou o moço, cortês.

– Hoje – disse o Mestre, após longa, pausa –, temos em Cafarnaum dois loucos agonizantes, num telheiro junto à casa de Pedro, reclamando cooperação fraternal. Poderás ajudar-nos a socorrê-los?

O rapaz franziu a testa e acentuou:

– Não hesitaria. Entretanto, sou armeiro de Fassur, principal da casa de Herodes e guardo esse título com veneração. A um pajem de minha, estirpe, não ficaria adequado semelhante serviço. Os nobres da raça poderiam identificar-me. A crítica não me perdoaria e talvez não pudesse satisfazer a incumbência...

Jesus não se irritou.

Contemplando o interlocutor surpreendido, propôs, bondosamente:

– Duas órfãs estão em casa de Joana, aguardando mão carinhosa que as ampare quem sabe? Dispondo de tantas relações prestigiosas, não conseguirias encaminhá-las a destino edificante? São meninas necessitadas de proteção sadia.

– Oh! não posso! – exclamou o noviço, escandalizado – sou explicador dos textos de Ezequiel e nos trenos de Jeremias, fora de Jerusalém.

Documentação de sacerdotes ilustres aprova-me a cultura sagrada. A um intérprete do Testamento, de minha condição, não quadraria a oferta de crianças desprezadas... Como vemos...

Sem alterar-se, o Mestre lembrou:

– Um parálítico moribundo foi recolhido à casa de Filipe. Veio transportado de grande distância, pleiteando a cura impossível. Está cansado; aflito, e Filipe permanece ausente em missão de socorro... Se lhe desses dois dias de assistência piedosa, praticarias nobre ação...

– É impraticável! – tornou o rapaz – sou fiscal das disposições do Levítico e, nessa função, provavelmente seria compelido a isolar o enfermo no vale dos imundo... A medida é imperiosa se ele houver ingerido carnes impuras.

O Senhor esboçou um sorriso e agradeceu.

Insistindo, porém, o interlocutor, Jesus indagou:

– Que pretendes, enfim?

– Garantir futura representação do reino que se aproxima...

O Nazareno fitou nele o olhar translúcido e redarguiu:

– Erraste o caminho. Naturalmente o teu carro deve seguir para Jerusalém, onde se concentram todos aqueles que distribuem cargos bem pagos.

– Mas, reitero a solicitação – disse o armeiro de Fassur, – quero colocar-me dentro da nova ordem!...

Apesar do imperativo que transparecia daquela voz, o Mestre finalizou, muito calmo:

– Prossegue em teu caminho e não teimes.

Realmente, reclamamos companheiros para o ministério. Já possuis, todavia, muitos títulos de inibição e o Evangelho precisa justamente de corações desembaraçados que estejam prontos ao necessário auxílio em nome de Nosso Pai.

O explicador dos textos de Ezequiel deu uma gargalhada, olhou para o Messias evidenciando inextinguível sarcasmo, qual se houvera defrontado um louco, e partiu sem compreender.

XAVIER, Francisco Cândido. **Luz Acima/** Pelo espírito Irmão X; [psicografado por] Francisco Cândido Xavier. 12. ed. Brasília: FEB, 2010.



Realmente, reclamamos companheiros para o ministério. Já possuis, todavia, muitos títulos de inibição e o Evangelho precisa justamente de corações desembaraçados que estejam prontos ao necessário auxílio em nome de Nosso Pai.

Fonte: Freepik



Sampaio
Construções

Av. Monsenhor Antonio Sampaio, 2045. Dirceu.
Parnaíba - PI

86 3323 7523

POLI FERRO

FERRO - ALUMINIO - INOX - CERCA ELÉTRICA - TELHAS
ARAME FARPADO - PRODUTOS BOSCH - FORRO EM PVC

AV. PINHEIRO MACHADO, 841
FONES: (86)3323-2575 / (86)99405-4785



ANTONIO TOMÁS

CLÍNICA MULTIPROFISSIONAL

Praca Santo Antônio, 686 - Centro - Parnaíba-PI
☎ 86 3322-7176 ☎ 86 9.9540-7007



a sua webrádio espírita online 24h

www.radioismael.net



SUICIDA ...

Lembrou, aturdida, o aborto, os sonhos, a tortura, e o suicídio, e esforçou-se terrivelmente para voltar e erguer de novo o corpo tombado na mesa fria.

Mas, era tarde...

Desde o momento em que sorvera a mistura venenosa, Marina sentia-se morrer, sem morrer.

Não queria viver mais. Via-se desprezada. Acariciara o sonho de esposar Jorge e criar-lhe os filhos. Dois anos de vã esperança.

O pai costumava dizer-lhe: “Cuidado com os rapazes de hoje, nem sempre têm bom caráter”; ela, porém, achava-o antiquado e exigente. A mãe entretanto, sorria e deixava passar.

Além disso, como resistir? Jorge assobiava todas as noites. Começou pedindo-lhe livros.

- Estou em dificuldades com meu professor de latim – dissera.

E levara-lhe a gramática, voltando no outro dia para solicitar informações. Percebera a manobra, encantada.

Desde então, encontravam-se noite a noite.

A princípio comentavam estudos.

Queixavam-se dos professores, criticavam colegas, embora frequentassem instituições diferentes.

Complicara-se, contudo a conversação.

Após quatro semanas de convivência, iam juntos ao cinema do bairro.

E tudo se agravou numa noite de chuva. Haviam assistido a um filme pitoresco. Uma jovem tímida, contrariada pela família, entregara-se ao rapaz, com quem fugiu, confiante.

Ninguém poderia dizer o que teria acontecido depois, mas o cinema coroara a aventura com um beijo.

Sob a marquise, pensavam no tema, mergulhando o olhar um no outro. À frente da garoa persistente, sentiam-se como numa ilha de encantamento.

- Você teria coragem de acompanhar-me num longo passeio? – perguntou ele, com intenções ocultas.

Ela corara, sem responder.

Refletia na heroína do filme. Não conseguira desvencilhar-se do braço que a envolvera.

Ele interpretara-lhe o silêncio pelo “sim”. Ela não tinha voz para dizer-lhe “não”.

Deixou-se conduzir. Automaticamente. Lembrava-se de

tudo...

Jorge chamara um táxi. Inebriada, sentia-se deslizar no asfalto, como quem patinasse acima das nuvens.

Sonhava...

Nem viu quando o moço fez sinal ao motorista.

Qual se fora um animal hipnotizado, seguiu o companheiro. Desceram.

Pingos de chuva caíam-lhe nos cabelos de menina e mulher, como se a noite compassiva desejasse apagar vulcão de sentimentos e ideias a lhe transtornar a cabeça.

Transpuseram um pequeno portão.

A pequena escada pareceu-lhe um trecho de espaço, à frente do paraíso...

Ele apertou um botão que encimava um florão da parede.

Alguns instantes de espera e abre-se a porta.

Senhora gorda e afável atendeu, prestimosa.

- Minha velha amiga – dissera Jorge, sorrindo.

E continuou loquaz, enquanto ocupavam pequena sala. A chuva apoquentara-os, e pediam abrigo por alguns minutos a fim de conversarem a sós.

A dona da casa nem de leve se surpreendera, e indicou-lhes quarto próximo.

O moço tomara-lhe a mão trêmula e arrastou-a quase. Mal teve ela tempo para relancear os olhos pelo recinto. Um belo leito de casal estava perto.

Na parede um retrato do Cristo. Que fazia ali a imagem do Cristo?

Recordou em relampagueantes pensamentos repetidas palavras maternas: - “Todos devemos orar.” Mas não dispunha de espaço mental para ocupar-se do assunto.

Jorge enlaçara-a e as horas se perderam da imaginação, como se o tempo estivesse morto.

Acordou junto dele, alta madrugada. Lembrou-se do lar, como se fosse uma rosa despetalada que devesse retornar ao jardim.

Chorou.

Jorge despertara, generoso, e acalmou-a

- Tolinha, não há motivos para lágrimas.

Levantaram-se, tornando à sala.

A senhora hospitaleira, embora estremunhada, tinha no rosto a calma das enfermeiras de plantão.

O moço pediu chá e explicou-lhe algo em voz baixa.

Depois do chá, o táxi, chamado pelo telefone, compareceu.

A viagem de volta não apresentava o sabor da vinda. Entre os dois, agora, o silêncio.

- Conversaremos amanhã – disse Jorge simplesmente, ao deixá-la em casa.

O coração materno esperava-a. Parecia adivinhar tudo, pela inquietação que denunciava.

- Porque afligir-se, mãezinha? Mentira pela primeira vez, como passaria a mentir sempre – a chuva atrasou-nos em excesso e descansamos em casa de Jorge – afirmara, beijando-lhe a face.

E não obstante a caratona do relógio mostrando as três horas, D. Marcília nada respondeu, suspirando fundo.

Desde essa ocasião, aparecera-lhe o outro lado da vida.

Conheceu mais de perto a residência da cancela rosada.

Conversou mais demoradamente com a mulher que vovó e conheceu outras clientes do pequeno edifício.

Ao fim de quatro meses, sentira-se diferente. Tinha vertigens. Vomitava.

Jorge levou-a ao gabinete de um médico ainda jovem, que lhe deitava olhares ambíguos.

Revoltava-se diante dele, mas submeteu-se a tratamento.

Processou-se o aborto esperado. Todavia, desde então, tinha sonhos alucinantes.

Via-se perseguida por alguém. Rouquinha voz lhe gritava aos ouvidos: “Mãe, mãe, por que me mataste?” Acordava, enxugando o suor álgido, no lençol.

Queria ser mãe. Para isso, porém, precisava casar-se.

Jorge, no entanto, exigia-lhe calma. Devia terminar o curso de bacharel. Mas, nos últimos tempos, fizera-se arredio.

Contava-lhe os sonhos, perturbada. Ele ria-se e falava em consulta ao psiquiatra. Dizia-se também cansado. Estudos intensivos.

Passavam-se agora semanas de ausência. Telefonava-lhe. Pedia conselhos, rogava conforto. Ele sempre a dissipar-lhe os temores com a promessa do matrimônio.

Desde o aborto era outra. Parecia-lhe viver com o filho que não nascera. Sentia-se visitada por ideias estranhas, como vidraça clara atravessada por largo jogo de sombras.

Na véspera, buscara Jorge na esperança de mais decisivo socorro médico. E estarecera-se. O amigo, que sempre considerara noivo em particular, estava com outra.

Apresentou-a.

- Companheira de infância – informou.

E afirmara, sem reboço, que pretendia casar-se dentro de poucos dias.

A rival cumprimentou-a, indiferente à dor que a fulminava. Empalidecera. Jorge, sorridente, conduziu-a a pequena distância e explicou-se.

Não a amava, confessou impassível.

- É melhor terminarmos assim - falou, frio -, antes de mais sérias dificuldades.

Ela implorou em lágrimas.

- Dissuada-se – concluiu quase áspero.

E afastara-se, retomando o braço da jovem que sorria, tranquila, a ignorar-lhe a tragédia.

Mundo íntimo desmoronado.

A ideia de suicídio envolveu-a de todo.

Arrastou-se de regresso a casa.

Adquiriu a substância letal.

Escreveu bilhetes.

E, pela manhã, sorvera a porção de uma só vez.

Pavorosa dor irrompeu-lhe na carne, nos nervos, no san-

gue, nos ossos...

Convulsões sucessivas não lhe permitiam morrer.

Entretanto, ouvia sua própria mãe gritar como louca: “Morta! Morta!”

Ouvia algazarra, mas o próprio sofrimento não lhe conferia o privilégio das discriminações..

Viu-se carregada. Dois homens colocaram-na em “vasta gaveta”, a única interpretação que podia dar ao espaço fechado de pequena ambulância.

Não apenas chorava. Rugia em contorções, mas ninguém lhe percebia agora os terríveis lamentos.

Viu-se atirada, sem qualquer consideração, de encontro ao que lhe pareceu “laje fria”.

Suplicava socorro. Agitava-se.

Ninguém, no entanto, atendia aos seus apelos.

Seis homens aproximaram-se. Um deles, mais experiente, parecia conduzir outros cinco.

Querida ajoelhar e pedir-lhes a necessária assistência.

Arrependera-se. Desejava retomar o corpo e viver. Pensava no martírio dos pais.

Reconhecia-se jovem ainda.

Poderia sobrepor-se à situação. Trabalharia por vencer. Nenhum dos circunstantes lhe ouvia os brados. Pareciam desconhece-la, desrespeita-la. E mais que isso, desnudaram-na.

O homem amadurecido afastou-se por minutos como quem se esquecera de trazer algum remédio a fim de ajudá-la. Dois dos cinco rapazes presentes tocaram-lhe o corpo.

Beliscaram-na.

Alarmou-se, indignada ante o vexame evidente.

O mais velho, longe de garanti-la, fez mais. Tomou de um bisturi e abriu-lhe o abdômen.

- Assassinos! Assassinos! – estertorava.

Mas a operação prosseguia. Ouvia vozes. Alguém dizia: “Bela mulher!”, enquanto o cavalheiro amadurecido, em grande avental branco, falava em “cianetos” e “cheiro de amêndoas amargas”.

Um dos moços, de olhar irônico, exclamou, tateando-lhe o busto: “Porque matar-se desse modo?”

Sentindo-se em desespero total, clamava que não. Tentara o suicídio, mas recuara.

- Terminassem a operação! – pedia, em pranto, reconhecendo tratar com jovens cirurgiões em estudo.

Tinha pressa. Desejava tranquilizar os pais, refazer a existência. Mas, em meio das sensações turbilhonárias que lhe atormentavam a alma, sentiu que continuavam a lhe cortar a carne.

Era demais. Viu-se separada do próprio corpo, como joia que salta mecanicamente do escrínio.

E conheceu a verdade, enfim. O corpo que ela própria arruinara apresentava máscara triste.

Mãos ágeis trabalhavam-lhe as vísceras, separando material de exame necrológico.

Entretanto, ela – Marina, ela mesma – cambaleava, de pé, com todas as dores e convulsões de momentos antes...

- Mãe! Minha mãe! – clamou aterrada – quero viver! Viver!...

Outra voz, contudo, bramiu-lhe ameaçadora e sarcástica aos ouvidos:

- Mãe, minha mãe, eu também quero viver!...

Procurou com os olhos agoniados quem lhe falava, mas apenas sentiu que braços vigorosos a aprisionavam.

Lembrou, aturdida, o aborto, os sonhos, a tortura, e o suicídio, e esforçou-se terrivelmente para voltar e erguer de novo o corpo tombado na mesa fria.

Mas, era tarde...

XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. **A Vida Escreve**/ Pelo espírito Hilário Silva; [psicografado por] Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro: FEB, s/d.

OPOSIÇÕES

"Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem".
- Jesus (Mateus, 5:44)

Imperioso modifique a própria conceituação, em torno do adversário, a fim de que se te apague da mente, em definitivo, o fogo da aversão.

Isso porque o suposto ofensor pode ser alguém: que age sob a compulsão de grave processo obsessivo; que se encontra sob o guante da enfermidade e, por isso, inabilitado a comportar-se corretamente; que experimenta deploráveis enganos e se acomoda na insensatez; que não pode enxergar a vida no ângulo em que a observas.

E que nenhum de nós encontre motivos para lhe reprovar o desajuste, porquanto nós todos somos ainda suscetíveis de incorrer em falhas lamentáveis, como sejam: cair sob a influência perturbadora de criaturas a quem dediquemos afeições sem o necessário equilíbrio; iludir-nos a nosso próprio respeito quando não pratiquemos o regime salutar da autocrítica; entrar em calamitoso desequilíbrio por efeito de capricho

momentâneo; assumir atitudes menos felizes, por deficiência de evolução, à frente de companheiros em posições mais elevadas que a nossa.

Em síntese, para sermos desculpados é preciso desculpar.

Refletamos na absoluta impropriedade de qualquer ressentimento e recordemos a advertência de Jesus quando nos recomendou a oração pelos que nos perseguem.

O Mestre, na essência, não nos impelia tão-só a beneficiar os que nos firam, mas igualmente a proteger a sanidade mental do grupo em que fomos chamados a atuar e servir, imunizando os companheiros, relativamente ao contágio da mágoa, e frustrando a epidemia da queixa, sustentando a tranquilidade e a confiança dos outros, tanto no amparo a eles quanto a nós.

Segue-me!

XAVIER, Francisco Cândido. **Segue-me!** Pelo espírito Emmanuel; [psicografado por] Francisco Cândido Xavier. 15. ed. São Paulo: OCLARIM, 2014.



Fonte: Pixabay

NA HORA DA TRISTEZA

“Vós sois a luz do mundo”

Jesus (Mateus, 5: 14)

“Não digais, pois, quando virdes atingido um de vossos irmãos: 'É a justiça de Deus, Importa que siga o seu curso'. Dizei antes: 'Vejam os meus olhos o Pai misericordioso me pôs ao alcance para a suavizar a sofrimento do meu ir mão.'” (Cap. V, Item 27)

Entraste na hora do desalento, como se te avizinhasses de um pesadelo. Indefinível suplício moral te impele ao abatimento, magoas antigas surgem à tona.

Sentiste à feição do viajor, para cuja sede se esgotaram as derradeiras fontes do caminho.

Experimentas o coração no peito, qual pássaro fatigado, ao sacudir, em vão, as grades do cárcere.

Ainda assim, não permitas que a ansiedade te lance à tristeza inútil.

Se a incompreensão alheia te azedou o pensamento, recorda os companheiros enfermos ou mutilados, quando não conhecem a própria situação, qual seria de desejar e prossegue servindo, a esperar pelo tempo que lhes dará reajuste.

Se amigos te abandonaram em árduas tarefas, à caça de considerações que lhes incensem a personalidade, medita nas crianças afoitas, empenhadas a jogos e distrações nos momentos do estudo, e prossegue servindo, a esperar pelo tempo, que a todos renovará na escola da experiência.

Se deixaste entes queridos ante a cinza do túmulo, convence-te de que todos eles continuam redivivos, no plano espiritual, dependendo, quase sempre, de tua conformação para que se refaçam, e prossigue servindo, a esperar pelo tempo, que te propiciará, mais além, o intraduzível consolo do reencontro.

Se o fardo das próprias aflições te parece excessivamente pesado, reflete nos irmãos desfalecentes da retaguarda, para quem uma simples frase reconfortante de tua boca é comparável a facho estelar, nas trevas em que jornadaíam, e prossegue servindo, a esperar pelo tempo, que, no instante oportuno, a cada problema descortinará solução.

Lembra-te de que podes ser, ainda hoje, o raciocínio para os que se dementaram na invigilância, o apoio dos que tropeçam na sombra, o socorro aos peregrinos da estrada que a penúria recolhe nas pedreiras do sofrimento, o amparo dos que choram em desespero e a voz que se levante para a defesa de injustiçados e desvalidos.

Não te detenhas para relacionar dissabores.

Segue adiante e se lágrimas te encharcam a ponto de sentires a noite dentro dos olhos, entrega as próprias mãos nas mãos de Jesus e prossegue servindo, na certeza de que a vida faz ressurgir o pão da terra lavrada e de que o sol de Deus, amanhã, nos trará novo dia.

O Livro da Esperança

XAVIER, Francisco Cândido. **O Livro da Esperança**/ Pelo espírito Emmanuel; [psicografado por] Francisco Cândido Xavier. Minas Gerais: CEC, 2008.



Fonte: Pixabay

MÉDIUNS FRACASSADOS

“Em resumo, repetimos, a melhor garantia está na moralidade notória dos médiuns e na ausência de todas as causas de interesse material ou de amor-próprio, que poderiam estimular nele o exercício das faculdades medianímicas que possui; porque essas mesmas causas podem animá-lo a simular as que não tem.” - (O Livro dos Médiuns - Segunda Parte - Cap. XXVIII)

Allan Kardec não se cansa de repetir que a moralidade dos médiuns é a melhor garantia contra a fraude no fenômeno.

Os próprios médiuns é que deveriam ser os primeiros a se conscientizar disto, evitando que, ludibriando os outros, ludibriassem a si mesmos. Sim, porque o médium que não crê em si é o maior dos descrentes...

Ao tempo do Codificador, o Espiritismo muito sofreu com os médiuns que foram flagrados simulando intercâmbio com o Mundo Espiritual.

Este assunto sempre foi um “prato cheio” para os adversários da Doutrina que, propositadamente, buscam confundir a opinião pública.

O Espiritismo não pode responder pelas atitudes de seus profitentes como, de resto, nenhuma religião o pode.

Sendo livre, qualquer um pode dizer-se adepto da Terceira Revelação e trabalhar segundo lhe aprouver.

Mas ninguém brinca com o Plano Espiritual impunemente!

Não há médium que consiga sustentar uma farsa por muito tempo... Se, a princípio, os Espíritos infelizes o auxiliam, acabam, mais tarde, por dominá-lo completamente, obrigando-o a satisfazer as suas ambições...

Acompanhem a trajetória dos médiuns interesseiros e observem como eles terminam os seus dias... Vampirizados pelas Entidades a que serviram, mostram-se doentes e dementados, quando não estirados nas sarjetas...

É lamentável a situação dos médiuns que chegam à Vida Espiritual, depois de terem falhado fragorosamente nas responsabilidades que, antes do retomo ao corpo, assumiram! E triste vê-los ensimesmados, recriminando-se por terem desperdiçado tão abençoada oportunidade de elevação!...

São esses médiuns fracassados que transformam-se nos Espíritos protetores das reuniões de desobsessão, responsabilizando-se pelo encaminhamento das Entidades que carecem de expressar-se... São eles que passam a proteger os grupos mediúnicos e os médiuns novatos, como se assim procurassem reparar, em parte, os deslizos cometidos; entretanto,

só se satisfarão completamente quando a Lei Divina lhes facultar a bênção do recomeço.

Se a nossa palavra despretensiosa pode servir de orientação para alguém, que os médiuns, inexplicavelmente ausentes da tarefa, retomem-na o mais breve possível, não deixando a solução de semelhante problema para a Outra Vida... “Desentrem” os talentos que lhes foram confiados e os multipliquem pelo suor do trabalho digno!

Que médium algum se sinta insignificante e, portanto, dispensável.

Deixe de ser “médium-problema”, passando para os outros uma ideia distorcida da mediunidade e da Doutrina...

Existem pessoas que dizem assim: - “Fulano passou a frequentar o Espiritismo e, invés de melhorar, piorou...”
Outras sentenciam, irônicas: - “Beltrano está precisando é de fazer um tratamento psiquiátrico e deixar esse negócio de mediunidade de lado...”

De fato, a mediunidade impõe ao médium determinada cota de sacrifício, mormente quando ele não tem a experiência necessária para lidar com os Espíritos... Mas quem sofre por que seja médium, se não o for sofrerá muito mais. Disto não tenhamos qualquer dúvida.

A mediunidade quando exercida com responsabilidade é um fator de equilíbrio espiritual.

A mediunidade só desequilibraria quem, porventura, já fosse desequilibrado.

Que ninguém diga: - “Fracassei na mediunidade”; “Tentei desenvolver-me mas não pude”; “A minha luta para perseverar era muito grande”; “Não obtive o apoio de que precisava”; “Quem sabe na outra encarnação”...

O médium que não alimenta outra pretensão que não seja o cumprimento de seu humilde dever, não fracassará!

Há médiuns que desistem da mediunidade, porque não conseguem ser os médiuns que gostariam de ser... Contentem-se com o que são e, um dia, serão o que desejam ser, desde que não abandonem o único caminho para isto: o trabalho que são chamados a executar, aqui e agora!

BACCELLI, Carlos. **Mediunidade e Caminho**/Pelo espírito Odilon Fernandes; [psicografado por] Carlos Baccelli. São Paulo: IDE, 1992.

Onde você
estiver
24h no ar!



rádioismael

DEUS, CRISTO E CARIDADE

5 anos

www.radioismael.net

Disponível no App Store e Google Play

**EU
QUERO
AJUDAR!**

Doe:

- Alimentos;
- Itens para brechó em bom estado (roupas, calçados, acessórios);
- Materiais de limpeza;
- Descartáveis (copos, talheres, pratos);
- Livros espíritas.

Colabore financeiramente:

Banco do Brasil
Agência: 0023-X
Conta Corrente: 100.000-4
Centro Espírita Caridade e Fé



Centro Espírita
Caridade e Fé

Rua Samuel Santos, 284. B. São Francisco. Parnaíba-PI
(86) 3322 4340

**CONEXÃO TURBINADA
DE VERDADE**

200 MEGA
400 MEGA
600 MEGA

**DELTA
CONNECT**



PARNAÍBA-PI
Rua Almirante, 243 • Bairro Pindorama
86 3323.4172 • e-mail: vendas@sieart.com.br

TERESINA-PI
Av. Campos Sales, 1651 • Centro
86 3305.0581 • e-mail: marcio@sieart.com.br

CANAIS DE COMUNICAÇÃO DO CARIDADE E FÉ

/ccaridadefe /caridade e fé /caridade e fé rádioismael.net caridadefe.org.br

(86) 3322 4340 | 9 9978 5695

Rua Samuel Santos, 284. B. São Francisco. Parnaíba-PI